

COM BASE NO TEXTO ABAIXO, RESPONDA ÀS QUESTÕES DE NÚMEROS 1 A 5.

Filme

Berenice não gostava de ir ao cinema, de modo que o pai a levava à força. Cinema era coisa que ele adorava, sempre sonhara em se tornar cineasta; não o conseguira, claro, mas queria que a filha partilhasse sua paixão, com o que se sentiria, de certa forma, indenizado pelo destino. Uma responsabilidade que só fazia aumentar o verdadeiro terror que Berenice sentia quando se aproximava

5 o sábado, dia que habitualmente o pai, homem muito ocupado, escolhia para a sessão cinematográfica semanal. À medida que se aproximava o dia fatídico, ela ia ficando cada vez mais agitada e nervosa; e quando o pai, chegado o sábado, finalmente lhe dizia, está na hora, vamos, ela frequentemente se punha a chorar e mais de uma vez caíra de joelhos diante dele, suplicando, não, papai, por favor, não faça isso comigo. Mas o pai, que era um homem enérgico e além disso julgava ter o direito de exigir

10 da filha que o acompanhasse (viúvo desde há muito, criara Berenice sozinho e com muito sacrifício), mostrava-se intransigente: não tem nada disso, você vai me acompanhar. E ela o fazia, em meio a intenso sofrimento.

Por fim, aprendeu a se proteger. Ia ao cinema, sim. Mas antes que o filme começasse, corria ao banheiro, colocava cera nos ouvidos. Voltava ao lugar, e mal as luzes se apagavam cerrava firmemente

15 os olhos, mantendo-os assim durante toda a sessão. O pai, encantado com o filme, de nada se apercebia; tudo o que fazia era perguntar a opinião de Berenice, que respondia, numa voz neutra mas firme:

– Gostei. Gostei muito.

Era de outro filme que estava falando, naturalmente. Um filme que o pai nunca veria.

MOACYR SCLIAR

In: *Contos reunidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

01

Em certo momento do texto, percebe-se a introdução da fala das personagens mesclada à fala do narrador. A presença do diálogo nesta narrativa tem como principal efeito:

- (A) marcar a aceleração do tempo
- (B) evidenciar o conflito entre as personagens
- (C) promover a alternância do foco narrativo
- (D) assinalar a sequenciação dos elementos do enredo

02

Berenice não gostava de ir ao cinema, de modo que o pai a levava à força. (ℓ. 1)

O período acima pode ser reescrito, mantendo-se seu sentido original, da seguinte forma:

- (A) Como Berenice não gostava de ir ao cinema, o pai a levava à força.
- (B) Quando Berenice não gostava de ir ao cinema, o pai a levava à força.
- (C) Enquanto o pai a levava à força, Berenice não gostava de ir ao cinema.
- (D) À proporção que o pai a levava à força, Berenice não gostava de ir ao cinema.

03

Por fim, aprendeu a se proteger. (ℓ. 13)

A forma de proteção desenvolvida por Berenice reforça um traço temático central do texto.

A palavra que melhor define esse traço é:

- (A) submissão
- (B) intolerância
- (C) dissimulação
- (D) incomunicabilidade

04

À medida que se aproximava o dia fatídico, ela ia ficando cada vez mais agitada e nervosa; (ℓ. 6)

A expressão grifada contribui para a construção da tensão narrativa, porque está relacionada com:

- (A) a passagem do tempo
- (B) a complicação crescente
- (C) o desfecho surpreendente
- (D) a evolução da personagem

05

Era de outro filme que estava falando, naturalmente. (ℓ. 19)

Neste trecho, o termo em destaque cumpre a função de:

- (A) afirmar ponto de vista
- (B) projetar ideia de modo
- (C) revelar sentimento oculto
- (D) expressar sentido reiterativo

COM BASE NO TEXTO ABAIXO, RESPONDA ÀS QUESTÕES DE NÚMEROS 6 A 8.



www2.uol.com.br/laerte/tiras/overman

06

No contexto, a comparação entre o primeiro e o último quadrinho produz humor.

A produção de humor se deve ao seguinte recurso:

- (A) destaque de uma situação embaraçosa
- (B) demonstração de uma atitude caricatural
- (C) desconstrução de uma expectativa do leitor
- (D) negação de uma característica do personagem

07

... *mal* posso acreditar que acabo de inventá-la!

Tendo em vista o conjunto dos efeitos verbais e não verbais expressos no último quadrinho, pode-se dizer que o conectivo *mal* contribui para exprimir sentido de:

- (A) horror e descrença
- (B) dor e desesperança
- (C) surpresa e desencanto
- (D) constatação e desespero

08

Para melhor compreensão da tira, o leitor precisa reconhecer alguns elementos implícitos.

O fragmento que torna mais evidente essa necessidade é:

- (A) “Minha inimiga mais terrível... a LOUVA DEUSA!”
- (B) “Uma assassina fria e cruel!”
- (C) “... os que sobrevivem ao seu ataque... têm INVEJA dos que morrem!”
- (D) “... seus poderes são sobre-humanos!!”

COM BASE NO TEXTO ABAIXO, RESPONDA ÀS QUESTÕES DE NÚMEROS 9 A 13.

Existe sempre um conceito por trás do que faço, só que nem sempre a montagem se completa. Os conceitos se escondem no subconsciente. Ziguezagues que atordoam.

Quando o xadrez funciona, o conceito é formado por encaixes eliminando a importância exagerada que poderia ser dada a certas fotos mais formais.

- 5 Não são acasos felizes, pois, desde o começo de um projeto, uma ideia já existe; apenas ela é flexível e se deixa impregnar pela existência das pessoas fotografadas. O interessante é fazer a matéria externa vibrar em toda sua força de maneira que seja espelho de minhas intenções, sem deixar de ser espelho da vida. CORAÇÃO ESPELHO DA CARNE.

- 10 Edward Weston diz nos “*Notebooks*” que “a câmera deve ser usada para documentar a vida”. Documentar no sentido íntegro, não o bater chapa automático de algum acontecimento mais importante histórico ou socialmente, porém o documento de vida. Diria que revelar essa vida, essa força, é o essencial, pois de qualquer forma documento sempre será a foto tomada. Ele continua: “rendendo a verdadeira substância da coisa em si, seja ela aço polido ou carne palpitante”.

MIGUEL RIO BRANCO (fotógrafo)

Notes on the tides. Rio de Janeiro: Sol Gráfica, 2006.

09

de maneira que seja espelho de minhas intenções, sem deixar de ser espelho da vida. (ℓ. 7-8)

O significado essencial do fragmento destacado acima também pode ser observado em:

- (A) Os conceitos se escondem no subconsciente. (ℓ. 1-2)
- (B) Quando o xadrez funciona, o conceito é formado por encaixes (ℓ. 3)
- (C) pois, desde o começo de um projeto, uma ideia já existe; (ℓ. 5)
- (D) e se deixa impregnar pela existência das pessoas fotografadas. (ℓ. 5-6)

10

O autor afirma que o processo da criação artística parte de um conceito.

No texto, o sentido dado à palavra “conceito” se opõe a:

- (A) subconsciente (ℓ. 2)
- (B) fotos (ℓ. 4)
- (C) acasos (ℓ. 5)
- (D) pessoas (ℓ. 6)

11

“rendendo a verdadeira substância da coisa em si, seja ela aço polido ou carne palpitante”. (ℓ. 12-13)

O emprego do conectivo grifado, no contexto, explica-se porque:

- (A) revela ideias excludentes entre si
- (B) expressa fatos em sequência cronológica
- (C) representa acontecimentos em simultaneidade
- (D) enfatiza a existência de mais de uma alternativa

12

Existe sempre um conceito por trás do que faço, só que nem sempre a montagem se completa. (ℓ. 1)

Em relação ao que foi dito anteriormente, o uso da expressão destacada tem o valor de:

- (A) realce
- (B) ressalva
- (C) exclusão
- (D) contestação

13

O texto apresenta algumas figuras de estilo, como, por exemplo, a metáfora.

O par de vocábulos com emprego metafórico está indicado em:

- (A) ziguezagues (l. 2) - xadrez (l. 3)
- (B) subconsciente (l. 2) - espelho (l. 7)
- (C) matéria (l. 6) - carne (l. 8)
- (D) substância (l. 13) - aço (l. 13)

COM BASE NO TEXTO ABAIXO, RESPONDA ÀS QUESTÕES DE NÚMEROS 14 E 15.

Não-coisa

- | | |
|---|---|
| <p>O que o poeta quer dizer
no discurso não cabe
e se o diz é pra saber
o que ainda não sabe.</p> | <p>subverte a sintaxe
implode a fala, ousa
incutir na linguagem
densidade de coisa</p> |
| <p>5 Uma fruta uma flor
um odor que relume...
Como dizer o sabor,
seu clarão seu perfume?</p> | <p>25 sem permitir, porém,
que perca a transparência
já que a coisa é fechada
à humana consciência.</p> |
| <p>10 Como enfim traduzir
na lógica do ouvido
o que na coisa é coisa
e que não tem sentido?</p> | <p>30 O que o poeta faz
mais do que mencioná-la
é torná-la aparência
pura – e iluminá-la.</p> |
| <p>15 A linguagem dispõe
de conceitos, de nomes
mas o gosto da fruta
só o sabes se a comes</p> <p style="text-align: center;">(...)</p> <p>No entanto, o poeta
desafia o impossível
e tenta no poema
dizer o indizível:</p> | <p>35 Toda coisa tem peso:
uma noite em seu centro.
O poema é uma coisa
que não tem nada dentro,</p> <p>a não ser o ressoar
de uma imprecisa voz
que não quer se apagar
– essa voz somos nós.</p> |
| <p>20</p> | |

FERREIRA GULLAR

Cadernos de literatura brasileira. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 1998.

14

A primeira estrofe expõe ideias no campo da metalinguagem, já que apresenta concepções acerca da própria linguagem poética.

Os versos que mais se aproximam dessas ideias são:

- (A) Uma fruta uma flor / um odor que relume... (*l.* 5-6)
- (B) sem permitir, porém, / que perca a transparência (*l.* 25-26)
- (C) é torná-la aparência / pura – e iluminá-la. (*l.* 31-32)
- (D) Toda coisa tem peso: / uma noite em seu centro. (*l.* 33-34)

15

O poema sugere que o saber está relacionado à experiência.

Essa relação encontra-se expressa principalmente nos seguintes versos:

- (A) Como dizer o sabor, / seu clarão seu perfume? (*l.* 7-8)
- (B) A linguagem dispõe / de conceitos, de nomes (*l.* 13-14)
- (C) mas o gosto da fruta / só o sabes se a comes (*l.* 15-16)
- (D) já que a coisa é fechada / à humana consciência. (*l.* 27-28)